



## À prova do tempo

**PESQUISADORA PUBLICA EM LIVRO UM DOS PRIMEIROS TRABALHOS SOBRE OS POMERANOS**

Páginas 6 e 7



No topo, um casamento na família Berger; abaixo, uma pequena propriedade do distrito de Jetibá: à direita, o paiol, ao lado de uma casa típica da zona rural

Diferente de alguns pesquisadores que dão as costas a seu objeto de estudo após a conclusão, Regina

# UM MUNDO REVELADO

**PESQUISA REALIZADA COM POMERANOS DE SANTA MARIA DE JETIBÁ HÁ 40 ANOS É PUBLICADA EM LIVRO**

O pioneirismo da obra “Santa Maria de Jetibá – uma comunidade teuto-capixaba” (Edufes, 2015), de Regina Rodrigues Hees, se configura em diversos campos. Em primeiro lugar, sua autora foi uma das primeiras pesquisadoras com espírito acadêmico a se debruçar sobre o tema da imigração em terras capixabas. E nele estabeleceu recorte pioneiro, ao focar como objeto de estudo uma comunidade majoritariamente constituída por etnia europeia – a pomerana – que, após o processo imigratório, permaneceu por mais tempo relativamente isolada do ambiente estadual.

Fui testemunha do empenho da autora em pesquisar com acuidade o acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, então em fase de reorganização. E nisso num tempo em que não havia as facilidades de hoje – fotocópia (rara e cara à época), computador, internet, escaneamento, fotografia digital. Esse também seu pioneirismo – na imensa riqueza documental sobre a imigração existente naquela entidade, Regina foi uma das primeiras que consultou esses preciosos manuscritos e os utilizou com propriedade para reconstruir a presença de trabalhadores europeus na história capixaba.

Hoje em dia, se conhece Santa Maria de Jetibá com relativa facilidade – as comunicações melhoraram em muito o contato com este pedaço pomerano do Espírito Santo. Tal não ocorria há 40 anos. Tudo era difícil, a começar pela desconfiança em relação aos forasteiros, man-

tida pelos descendentes de pomeranos por terem sofrido discriminações em vários momentos da história capixaba devido à sua religião, a maioria sendo de confissão luterana; à sua língua, considerada estranha ao português; às suas práticas culturais, julgadas primitivas e ultrapassadas. Contudo, a autora resolveu enfrentar o desafio e, com determinação, passou a coletar dados que ajudassem na construção de uma narrativa esclarecedora do contexto histórico em que se estruturou essa microssociedade.

## À prova do tempo

A dissertação de Regina Hees, que deu origem a este livro e demorou décadas para ser publicada, venceu a difícil prova do tempo. Será sempre atual, pois referida a um momento determinado, por ela fixado de maneira imperecível. Mais do que isso: no caso deste trabalho, houve uma transmutação – de obra historiográfica para documento histórico; de dissertação para fonte secundária a ser consultada de maneira imprescindível por parte de novos interessados. É uma pesquisa de base que já serviu e continuará servindo como ponto de partida a muitas outras. Os exemplos poderiam se multiplicar, mas fiquemos com alguns somente: a presença dos tropeiros na região; a existência peculiar dos caminhos; os meios e as condições de transporte.

Não tivesse sido seu avô paterno, Otto Hees, um exímio retratista, Regina também tirou as fotografias que, além de ilustrarem seu trabalho, dele fazem parte integrante como fontes docu-

*“A Pomerânia não acabou de todo; pode ter desaparecido dos mapas políticos, repartida entre Alemanha e Polônia, mas ressurgiu nesta narrativa historiográfica”*

mentais. Ela hoje se arrepende de não ter registrado com mais minúcia o interior das edificações, talvez pelo cuidado em não incomodar as famílias que, algumas delas, receberam-na com certa desconfiança, mesmo com a ajuda da intérprete. Ainda assim, as fotos estampadas nos suscitam várias indagações.

Uma delas: o que o destino fez com aquelas crianças e seus rostos resplandecentes? A exposição feita nesta obra não se prende somente ao passado histórico, mas privilegia a realidade vivida pelos descendentes dos pomeranos na década de 1970. Ou seja, não busca estudar a história pela história, mas conhecer o resultado dos esforços de gerações e gerações de agricultores.

Somente um arguto olhar feminino para captar e dar o devido peso ao fato de pessoas nossas contemporâneas, passados tantos anos, ainda se emocionarem com o sofrimento dos seus avós. Alguém mais desavisado poderia objetar que este estudo não se aprofunda em nenhuma questão, nem busca interpretações ousadas dos dados colhidos. Mas justamente nessas características é que reside o seu mérito maior – a autora não quis se limitar apenas a um campo restrito de determinada ciência, mesmo que fosse a histórica, mas lançou seu olhar sobre todo o edifício social então existente em Santa Maria de Jetibá. Com isso, conseguiu uma façanha difícil – transformar sua dissertação de mestrado em documento de referência para o conhecimento daquele mundo pomerano, registrando seus principais aspectos, como antes assinalado. Com ➤

## Hees mantém forte vínculo afetivo, uma espécie de comprometimento emocional, com a comunidade

> isso, apontou caminhos que agora podem ser percorridos com mais profundidade. Aliás, começa seu trabalho de forma bem apropriada, situando os principais elementos geográficos da área em estudo, com destaque para o solo, o clima e as vias de comunicação.

### Mudanças

Diferente de alguns pesquisadores que dão as costas a seu objeto de estudo após a conclusão dos requisitos acadêmicos, Regina Hees estabeleceu e mantém forte vínculo afetivo, uma espécie de comprometimento emocional, com a comunidade de Santa Maria de Jetibá. Para exemplificar – junto com o historiador Sebastião Pimentel Franco participou da criação do Museu Pomerano e promoveu exposição fotográfica em que a localidade e seus moradores compunham a temática principal. E sempre que permitem seus afazeres visita Santa Maria, como fez por ocasião de um casamento típico pomerano em 2013. E assim acompanha, mesmo de longe, as profundas mudanças que ocorrem na região.

Muita coisa mudou. Edificações e peças do mobiliário pomerano, antes desvalorizadas, agora integram o patrimônio cultural capixaba, sendo algumas delas distinguidas com tombamento pelo Conselho Estadual de Cultura. E cada vez mais estes capixabas de pele muito clara se conscientizam da necessidade de se protegerem no trabalho agrícola das mazelas ocasionadas pela exposição excessiva aos raios solares.

Muita coisa mudou. Descendentes dos pomeranos saíram das “terras frias” para serem profissionais liberais bem sucedidos



Registro de crianças pomeranas feito por Eduardo Hees Alves

– médicos, advogados, engenheiros, arquitetos, professores universitários – e técnicos em áreas diversas. Dos que ficaram na região, muitos prosperaram com a agricultura e, mais próximo de nós, com a avicultura, cujo início foi entrevisto pela pesquisadora. Na atualidade, Santa Maria ocupa o segundo lugar na produção de ovos em nosso país. E o município se orgulha de fornecer hortaliças e frutas (alguns produtores as cultivam livres de agrotóxicos) para a Grande Vitória e mercados distantes.

Sem dúvida, muita coisa mudou. Os

descendentes de pomeranos rumaram para as “terras quentes” do Norte do Estado (em anos anteriores à pesquisa) e mais recentemente se dirigiram para outras regiões além-divisas, como Rondônia. Os que aqui ficaram contam-se em muitos milhares. São capixabas que têm o pomerano como língua materna e hoje não mais precisam se envergonhar disso; já possuem dicionário e livros em seu próprio idioma. O rádio, a educação formal, a televisão, a internet contribuíram para que eles se abrissem, mas sem perderem traços fundamentais da sua cultura.

EDUARDO HEES ALVES/DIVULGAÇÃO

Referente à comunidade de Santa Maria, muita coisa mudou de fato para o bem e para o mal. Menos a veracidade contida nesse trabalho que permanecerá como fonte de referência obrigatória para quem queira se ocupar do tema nele tratado. Com isso, chegamos à constatação evidente – um trabalho, simples à primeira vista, adquire importância com o passar do tempo e revela todo seu valor.

Ressalte-se ainda o mérito da autora em assestar sua visada inicial no campo geográfico para depois centrar fogo na história. Sempre unidos o Espaço e o Tempo, sempre unidos. A Pomerânia não acabou de todo; pode ter desaparecido dos mapas políticos, repartida entre Alemanha e Polônia, mas ressurgiu nesta narrativa historiográfica. Paraphrasing Fernand Braudel, que assegura a presença do Mediterrâneo até onde se cultivem oliveiras, a Pomerânia existirá enquanto pessoas falarem seu idioma e praticarem seus costumes, mesmo que modificados. Ao historiar a origem e condições dos tratos de terra em Santa Maria de Jetibá, ao tirar retratos da gente pomerana Regina Hees faz mais do que um mero trabalho acadêmico – ela nos proporciona acesso a um mundo revelado para sempre nessa sua obra.



**Fernando Achiamé**

é poeta, escritor e historiador.  
achiam@terra.com.br



**Santa Maria de Jetibá -  
Uma comunidade  
teuto-capixaba (Edufes)**

Livro pode ser adquirido pelo  
site [www.edufes.ufes.br](http://www.edufes.ufes.br)